

O ESPAÇO DO INSTANTE

Thiago de Araújo Costa¹

Resumo: O texto visa compartilhar uma proposta de temporalização do espaço, uma tentativa de compreender as possibilidades de uma apreensão do instante que envolve afirmar um espaço fragmentado, descontínuo e precário. O instante ganhará relevo considerando-se um significado urgente da temporalidade e, nesse contexto, é compartilhado o exercício de instaurar um processo urbano. O fio-condutor da reflexão se encontra na aderência no comprometimento que se estabelece entre o corpo e o relato quando se percebe no instante a presença do espaço.

Palavras-chave: Instante. Experiência Urbana. Bachelard.

1 Introdução

Espera: está ficando escuro. Mais.

Mais escuro.

O instante é de um escuro total.

Continua.

(Clarice Lispector, *Água Viva*, 1998, p.33)

Alinhavando uma investigação onde se quer mergulhar no estado contemporâneo da cidade nos serviremos de relatos que se fazem através de mãos que submergem nos liames do tempo. A partir da relação entre experiência espacial e relato urbano serão provocadas reflexões que entendem o instante entendido como o presente no lugar, isto é, o instante como um recurso conceitual para temporalizar a percepção da presença do espaço. A aproximação com o *instante* que será desenvolvida a seguir resulta de uma consolidação metodológica que foi necessária a uma pesquisa mais ampla, onde se procurou, principalmente, compreender a cidade contemporânea e apreender a dinâmica urbana sem dissociá-la da temporalidade.

O instante se coloca integrado a uma pesquisa empírica que buscou uma apreensão fragmentada de um processo urbano em curso. A opção metodológica que se

¹ Mestrando em Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório Urbano. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq. E-mail: th_costa@ymail.com



apresenta surgiu da observação de um projeto de transformação de um lugar urbano. Com o olhar voltado prioritariamente para a atualidade do processo urbano buscávamos uma forma de valorizar os gestos e as ações incessantes.

Na intenção de comunicar um breve momento desse trabalho mais extenso, esse texto elabora uma fala da apreensão fragmentada e temporalizada possível ao campo do urbanismo. Para isso, a especificidade do instante é alvo de um mapeamento que alcança sua apropriação em literaturas e filosofias. O objetivo é fomentar uma visão de estudos urbanos que problematizam as distâncias ou os emparelhamentos entre o relato científico e a experiência empírica subsidiada em observações de campo, que envolvem necessariamente a presença do corpo do pesquisador. Em certo sentido, o desenvolvimento do texto remete a uma proposição em que são considerados os rebatimentos metodológicos efetivados na presença corpórea no relato urbano.

A perspectiva fragmentada é posicionada como um modo de alcançar uma apreensão da cidade que não toma como pressuposto uma descrição prévia do espaço realizada por um outrem competente. Esse posicionamento metodológico prescreve um relato urbano que se esfacela no instante, procurando o espaço onde se atinge um estado de atualidade ou de concomitância. De antemão mencionamos a experiência como princípio para a apreensão da cidade, nos baseando no desenvolvimento de uma perspectiva corpórea para dar vazão a uma tocante crise do pensamento urbanístico que precisa se reinventar urgentemente. Uma intensa relação entre a experiência corporal da cidade e sua possibilidade de traduzir-se em relato poderia ser propiciada pelo instante. Ao final, o principal problema que essa proposta confronta reside na limitação em imprimir no espaço do relato a diversidade de sensações imediatas que emergem de uma imersão na cidade.

2 Instar, Urgir

Encaminhando o ímpeto de transportar o corpo para as entrelinhas do relato poderíamos sedimentar um elogio da experiência urbana deslocando a interdição que penetra com os processos de espetacularização urbana e tem, por conseqüência, um desmedido empobrecimento das experiências corporais. A dimensão do instante reporta o aspecto sensorial da cidade produzindo a altertativa de uma observação estanque que vai escrever um relato descorporificado. *Em meio ao gestoo* relato pode se colocar

enquanto um processo que comunica a formação de conhecimentos incorporados, no qual o sujeito-pesquisador se apresenta com o desafio de instaurar a experiência urbana.

Assim, a estabilidade do relato urbano pode desviar-se proveitosamente por uma passagem entre outros saberes: um *falhamento* entre experiência e linguagem do relato vai romper-se na escrita que temporaliza a percepção urbana. A tensão entre o relato e a experiência imprime-se no gesto corporal sensivelmente periclitante quando o sujeito do relato tateia a percepção do instante. Os gestos afloram na incorporação do tempo demarcando o sentido de uma ruptura com o estado corporal da continuidade que construiu a cidade.

A consciência da cidade em processo demanda que o corpo ocupe um estado atento às secções e aos interstícios do tempo. O relato intuitivo aparece quando a atenção se volta toda para o pensamento do instante. A consciência filosófica cria uma leitura que emerge das durações sugeridas pelo bergsonismo esfacelando ainda mais o tempo. Na intuição de Gaston Bachelard (2007, p.27) a temporalidade consiste numa fragmentação que envolve o *instante* com o caráter específico do tempo. Ele endereçou ao tempo uma intuição que vê “uma multiplicidade de acontecimentos”, estes que são afirmados com o devir. “O instante que, renovando-se, remete o ser à liberdade ou à oportunidade inicial do devir” (Idem: *ibidem*, p. 31).

Além disso,

[...] a atenção tem a necessidade e o poder de se retomar, ela está em essência, inteiramente em suas retomadas. A atenção é também uma série de começos, é feita dos renascimentos do espírito que regressa à consciência quando o tempo marca instantes. Além disso, se levássemos nosso exame àquele estreito domínio em que a atenção se torna decisão, veríamos o que há de fulgurante numa vontade em que vêm convergir a evidência dos motivos e a alegria do ato. Seria então que poderíamos falar de condições propriamente instantâneas (Idem: *ibidem*, p. 40).

Em Bachelard o instante vai impor-se por um ataque que atinge o ser prontamente. Desdobrando o seu pensamento acreditamos que a inquietude e a incerteza correspondem ao gesto de interceptação dos processos urbanos e por isso a atenção demonstra o ímpeto de relatar a experiência do devir, uma perspectiva sobre um espaço urbano irresoluto.

A procura pelo significado do instante na relação tempo-espaço promove a contribuição de gestos que vão escrevendo relatos atingidos pela sensação do presente no lugar. Uma associação sensível na literatura de Clarice Lispector encontra o espaço que fragiliza, por assim dizer, a estabilidade do relato: no exercício do ímpeto se enraíza

o relato que deseja *possuir os átomos do tempo* aferindo sensações que desestabilizam o lugar do tempo e o tempo do corpo. A temporalidade sem medidas é registrada num relato de Clarice que trabalha com profundidade a perspectiva do instante, essa passagem se destaca distanciando o tempo mensurado da cidade.

A linguagem meta-ficcional de *Água Viva* (Lispector, 1998) introduz o diálogo íntimo e fragmentado entre corpo e mundo que é um elo entre a experiência e o relato. Com a leitura desse livro-relato se aprende a operar um pensamento que envolve a apropriação etimológica da palavra *instante*, reencontrando nela o teor da urgência. Em tal relato a ação de *instar* o mundo é pronunciada singularmente numa narrativa que fala de uma temporalidade aquosa e vívida, quando o instante se torna uma unidade orgânica e escorregadia.

Para conseguir relatar a experiência de instantes urbanos emerge um gesto em mãos que experimentam se surpreender imersas num mundo incontido, e assim o relato literário vai desejar se envolver na trama contingente da temporalidade: “quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa” (Idem: *ibidem*, p.9). A atenção à experiência do tempo presente aparece como se a presença do corpo se envolvesse nas palavras não-ditas, inauditas, escapulidas. Entretanto, o ímpeto que usamos para constituir uma percepção da temporalidade urbana, considerando sua passagem ininterrupta e irreversível, se recolhe atingido por interditos intrínsecos da presença do corpo na entrelinha do texto.

Contudo, a manobra provocada por esse recolhimento procurará superar a declaração dos interditos como um limite a se friccionar a cada bloco de sensações. Então, é a própria sobrevivência do relato que é posta em jogo pelos interditos. Esse aparecimento não deixaria de ser também o sintoma de uma corporeidade da escrita que se quer barrar, mas que a escritora intenta atritar.

Num gesto impetuoso, as mãos se percebem no “*instante-já*” que se deseja habitar o espaço que emerge do tempo que flui. O *instante-já* é a ideia central de *Água Viva* porque é essa sugestão que transporta o relato para onde cada momento é irreparável. A autora compõe uma ruptura a partir da metáfora do nascimento, como se poderá perceber nas linhas seguintes:

[...] divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: *só no tempo há espaço para mim* (Idem: *ibidem*, p.10, grifo nosso).

Nessa passagem encontrada logo nas primeiras do relato poderiam até ser vista como indicação do horizonte que Clarice quer escapar, sua escrita se assume ameaçada pelo perigo da perda de contato com a experiência justamente quando são declarados os interditos, indícios de um dispositivo que constrange o corpo. Os interditos impõem-se sobre a experiência dos instantes de modo a agenciar seu acontecimento aleatório, eles fixam no relato os procedimentos que atenuam seus respectivos perigos. Isto Michel Foucault torna muito visível quando focou o funcionamento discursivo do político observando inúmeras formas de interditos (Cf. Foucault, 2006). A interdição constrange as mãos que relatam o gesto de ímpeto vivido e submete a contingente experiência do mundo a um procedimento de exclusão², ela pretende barrar a presença urgente que pode instar a cidade. Mas os instantes presenciados se conectam escapando e se fragmentando e concomitantemente o discurso funciona limitando e querendo esquivar-se da “pesada e temível materialidade do discurso” (Idem: ibidem, p.9).

Esta é uma consideração preponderante, um tipo de ressalva, para se dialogar com as superações e as ultrapassagens desses limites interditados, especialmente quando há o desejo de contribuir com a valorização da experiência. O fragmento da literatura, sobreposto pela asserção dos interditos, subsidia a compreensão do dispositivo que se interpõe no transporte da contingência da experiência do mundo para dentro do relato, a partir daí é traçado um recorte contingente do elo tempo-espaço. Aliás, a experiência do próprio relato é posta em jogo: no sentido que o relato convida a participação sensorial do leitor.

A passagem extraída de *Água Viva* é citada para dar vazão a uma percepção do instante que transporta para cá um relato onde as mãos tentam atravessar os limites constrangedores aderidos num espaço que nasce do tempo. A alternativa que o relato de Lispector propõe reside em organizar o relato perseguindo os *instantes-já* que sustentam a percepção e a experiência de modo particular. De tal modo, uma reversão dos interditos é desencadeada na medida em que seus gestos destacam as secções de uma geografia experimental.

Com isso poderíamos pensar que a apreensão do comprometimento da experiência é alimentada ao longo da especificidade dos instantes. O relato poderia assim combinar um vínculo experimental que alinhava o curso de afirmações urgentes, precárias e fragmentadas, afirmações estas que instam a valorização da experiência,

² Foucault (2006, p.10) explica que junto da interdição há uma ordem mais ramificada que retém os “terríveis poderes” do discurso: “existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição”.

assim como o desafio de comunicá-las a um leitor. Portanto, organizar a cognição de um processo urbano em instantes sugeriria reverter os relatos baseados na neutralidade e na negação da corporeidade. A cidade poderia se encontrar na profusão dos instantes em que se experimenta relatar a cidade partindo do corpo.

3 Uma geografia presentificada

O próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho? Fazemo-lo junto com a respiração.
(Clarice Lispector, *Água Viva*, 1998, p.9)

Nesta perspectiva, são empreendidos exercícios que tateiam a visibilidade de instantes que poderiam relatar espaços que estão alhures do discurso urbanístico apesar de integrarem o corpo da cidade. Reconhecendo o aspecto corporificado que poderia ser atribuído ao espaço a partir da demarcação do percurso de instantes, ao reforçar a apreensão de um processo urbano sua atualidade intensa, damos prosseguimento ao ímpeto de experiências de tradução da corporeidade no horizonte urbanístico. O instante traria a potência de se sobrepor à apreensão corporal da cidade. Portanto, a atenção desse relato olha a cidade de dentro: sem alçar um vôo panorâmico pretende-se de fato compreender a horizontalidade do urbano, a descontinuidade do instante é sentida nesse plano como a violência criadora que nos isola não apenas dos outros, mas também de nós mesmos.

O instante adere no processo do tempo uma urgência, tendendo a fortalecer uma relação viva com o objeto de estudo que permanece nessa medida preenchido por seus próprios ímpetos descontínuos e particulares, configurando o devir urbano como matéria a ser observada e reiterada. Trabalhar na linha de um processo urbano contemporâneo levaria a imprimir uma presentificação de experiências urbanas que poderiam, enfim, se dar a ver enquanto fragmentos instantâneos no corpo de um texto.

É como se o instante e o registro instantâneo que vira texto fizesse aparecer a cidade em sua forma diluída e pungente: tomado enquanto um corpo a ser traduzido, a cidade poderia até ser pensado pela órbita das percepções. O que ressalto é que, mais que um recorte espacial de aspecto poligonal, como habitualmente o urbanismo representa seus estudos de caso, é o contato com o lugar do instantâneo que poderia produzir outras grafias da cidade comprometidas com a experiência corporal. O que se coloca como perspectiva posterior a uma compreensão do aspecto fragmentado do

tempo, a mesma perspectiva que condiz com a heterogeneidade das grandes cidade, é o desafio de poder conglomerar a diversidade de instantes que perpassa um trabalho de campo. A figura temporal do instante é certamente próxima a uma profícua discussão sobre a figura do fragmento, que aparece na relação com a geograficidade específica das favelas.

Trabalhar com um espaço fragmentado sugere alguns procedimentos metodológicos específicos, como nos alerta Paola B. Jacques (2001, p. 45):

Em vez de considerar o Fragmento como destituído de sentido – o sentido pertencendo ao “todo” ao qual ele se opõe – ou como sentido “concentrado”- ele sendo o microcosmo, uma cópia perfeita do “todo”-, é melhor considerar que o Fragmento tem um sentido próprio, singular, intrínseco, que não pode ser compreendido numa lógica unitária. O mais interessante é exatamente buscar uma forma singular de tratar o Fragmento, isolando-o, destituindo-o de todas as ligações possíveis, evitando explicações e, sobretudo, recusando as referências exteriores: promover a solidão e a auto-referência. Esse isolamento, esse desatamento, se faria necessário, sem sombra de dúvida, a toda e qualquer abordagem relacionada ao universo fragmentário, da mesma forma que é necessário, num laboratório, isolar um vírus *in vitro* para estudar seu mecanismo particular, seu metabolismo próprio.

A imersão numa cidade de consistência instantânea vai nos levar, inevitavelmente, à exploração de uma configuração que aglutina o fragmento sem desatar sua natureza propriamente inconclusa e errante. Júlio Cortazar (2010) é uma leitura obrigatória para os urbanautas que pretendem constituir seus relatos mantendo um jogo em percurso. A temporalização do corpo da cidade seguindo os movimentos de um jogo da amarelinha ou virando as páginas de um diário de viagem surrealista fortalece essa outra etapa que sucede a percepção fractal da cidade pela via dos intantes. O que vem depois é certamente um trabalho de desenho e de aparas. Haveria, finalmente, que se reconhecer nos substantivos urbanos que são as toponímias do espaço uma motivação mimética. Nesse sentido, encontrar uma forma de relato que transporte uma presentificação da geografia urbana suscitaria outras inúmeras reflexões. Prevalece a chance de *geografar* corporeidades, ou melhor, de abrir o olhar para corporeidades *geografadas*, extrapolando certas categorias acadêmicas para entrever uma relação viva com o espaço.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Campinas: Verus Editora, 2007.

CORTAZAR, Julio. *A volta ao dia em oitenta mundos*, tomo I e II. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.

JACQUES, Paola B. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.